

“AMOR”: OS CONFLITOS GERADOS PELO DESPERTAR DE UMA EPIFANIA

Maria Vitória Nunes Souza¹, Vinícius Henrique Silva², Yara Maria Fernandes Leite³, Evandro Gonçalves Leite⁴.

1. Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande *campus* Pau dos Ferros;

2. Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande *campus* Pau dos Ferros;

3. Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande *campus* Pau dos Ferros; *yaraifrn@gmail.com.

4. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande, *campus* Pau dos Ferros;

Palavras Chave: *Clarice Lispector, Amor, Epifania.*

Introdução

O existencialismo é um dos principais temas abordados em toda a literatura universal. Sendo considerada uma escritora com enfoque em temas universais e existencialistas, Clarice Lispector, em suas diversas obras, retrata os mais profundos e contraditórios sentimentos intrínsecos do ser humano. Por este motivo, decidimos analisar o modo como a epifania se configura e é utilizada por Lispector para criar um estilo essencialmente focado na “obscuridade” e no “despertar” da alma humana. Em “Amor”, texto integrante da coletânea de contos intitulada “Laços de Família”, lançada em 1982, Clarice mostra os conflitos gerados pelo “choque de realidade” da protagonista da estória, Ana.

Para refletirmos sobre o existencialismo e a epifania vivida no cotidiano da personagem Ana no conto “Amor”, utilizamos como pressupostos teóricos os conceitos de Pascal (1984), segundo o qual o homem vive em constante angústia, e de Heidegger (1991, Apud CHAUI, 1996), que afirma que a existência humana se dá pois o homem é “lançado” ao mundo sem saber o porquê.

Resultados e Discussão

Em sua essência, o conto “Amor” tem como objetivo transformar um acontecimento do cotidiano em algo grandioso, revelando um universo novo e surpreendente, que antes não poderia ser enxergado.

No conto, Ana é uma dona de casa, casada e mãe de dois filhos. Percebemos desde o início da narrativa que ela era uma mulher metódica e que não tinha muito tempo para refletir sobre a vida, pois passava a maior parte do tempo organizando seu lar e cuidando de sua família. Certo dia, Ana estava andando de bonde quando, de repente, se deparou com um homem cego mascarando chicletes e, durante este momento, ocorreu a epifania que acabou por desestabilizá-la completamente. Ana sofreu um choque de realidade ao ver como sua situação de vida e a do cego eram parecidas: ambos não viam o que acontecia a sua volta, e continuavam “mascarando o chiclete”, ou seja, vivendo numa vida repetitiva. Isto fica claro no mascar do cego. Com uma nova visão, Ana passou a enxergar a divisão entre seu próprio mundo e o “mundo real”, levando-a à reflexão profunda sobre sua existência: já não havia a necessidade de ser útil apenas para seus familiares. Um amor universal a invadiu, e ela decidiu entregar-se aos seus sentimentos. Ana voltou para seu apartamento, mas já não era mais a mesma que havia saído dali antes. Ela encontrou sua família e a falsa “proteção” do mundo real em sua moradia. Assim, deixou-se levar novamente para a utópica perfeição aparente da realidade; o amor e piedade universal que nutria pelo mundo aos poucos desapareceu.

Percebemos que, a partir da epifania, ou seja, da revelação de uma realidade totalmente diferente da que estava acostumada a viver, Ana vive a angústia e o medo que a reestruturam para uma transcendência. Como pontua Martin Heidegger, é dessa angústia que surge uma alternativa nova para homem: fugir de novo para o esquecimento da sua dimensão profunda, ou seja, retornar ao cotidiano; ou superar a própria angústia, manifestando seu poder de transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo.

Conclusões

Neste trabalho, analisamos as características dos conflitos gerados pela epifania e pelo existencialismo no conto “Amor”, de Clarice, vividos pela personagem Ana, com base em pressupostos teóricos os conceitos de Pascal (1984) e de Heidegger (1991).

Blaise Pascal disserta sobre a condição de dependência do homem, que vive em angústia constante. Ele pontua que este é apenas um dos horrores de que assolam a vida humana e de que nos leva ao profundo inconsciente: por isso a necessidade de buscar novos caminhos para enriquecer o seu ser. Logo, faz-se necessário a busca por novas ilusões para esta “vida negligenciada”. Podemos observar isso no conto de Clarice quando a personagem Ana, a partir do olhar mais introspectivo sobre seu, descobre uma realidade de que a desestabiliza.

Complementando o estudo sobre o existencialismo, o filósofo Heidegger pressupõe que o homem é “lançado” ao mundo sem saber o porquê, o que pode gerar vazio e angústia: o mundo surge diante do homem, aniquilando todas as coisas particulares de que o rodeiam e, portanto, apontando para o nada, deixando-o desorientado. Por isso podemos considerar o “choque de realidade” da protagonista do conto “Amor” como resultado do vazio e da angústia de que a invadia por dentro e, ainda, como “gatilho” para que a mesma transcendesse sua própria existência.

CHAUI, Marilena. In: **Convite A Filosofia**. São Paulo, n. 5. 1996, p.9.

PASCAL. **Pensamentos**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984. 279 p. Tradução: Sérgio Milliet.